

“JAPONESA, ABRE O OLHO”: racismo, xenofobia e misoginia contra mulheres amarelas¹

*Julia Tiemi Kurihara
João Paulo Baliscei*

Resumo

Este artigo tematiza as diversas manifestações de ódio que acometem as mulheres amarelas. Assim, o objetivo desta pesquisa é problematizar as violências xenofóbicas, racistas e misóginas que, na contemporaneidade, atingem as identidades femininas nipônicas. Para isso, recorre-se aos Estudos da Cultura Visual como aporte teórico e metodológico, uma vez que considera que as imagens, em suas diversas manifestações, apresentam formas de se ver e estar no mundo. A partir da pesquisa bibliográfica, foi realizada a contextualização histórica, cultural e social da chegada das/os imigrantes japonesas/es no Brasil. Em seguida, foi feita uma análise de discursos, obras de arte e outras visualidades que permeiam os significados estereotipados construídos acerca das identidades de mulheres amarelas, em especial no contexto da pandemia do COVID-19. Por fim, conclui-se que a educação possui potencial para construir novas narrativas que rompam preconceitos e respeitem as diferenças, uma vez que a sociedade contemporânea é composta por múltiplas identidades que interagem entre si.

Palavras-chave: estudos culturais; educação; imigração; mulheres amarelas; xenofobia.

“JAPANESE, OPEN YOUR EYE: racism, xenophobia and misogyny against yellow women

Abstract

This article shows many hating manifestations to yellow women. Thus, its objective is to discuss the xenophobic, racist and misogynist violences, where it reaches Japanese female identities in the contemporaneity. For that, it is necessary to make use of the VISUAL CULTURE STUDIES as a theoretical and methodological contribution, once it considers that the images present new ways of seeing the world and being at it, in its various manifestations. From the bibliographic search, it was realized the historical, cultural and social contextualization of the Japanese immigrants arrival in Brazil. Then, an analysis of discourses, works of art and other visualities was done to permeate the stereotyped meanings built about the yellow women identities, in particular, in the context of COVID-19 pandemic. Finally, it is concludible that there is a potential to build new narratives to rupture prejudices and to respect the differences, once the contemporary society is composed of multiple identities interacting with each other.

Keywords: cultural studies; education; immigration; yellow women; xenophobia.

“JAPONÉS, ABRE LOS OJOS”: racismo, xenofobia y misoginia contra las mujeres amarillas

Resumen

Este artículo aborda las diversas manifestaciones de odio que afectan a las mujeres amarillas. Así, el objetivo de esta investigación es problematizar las violencias xenofóbicas, racistas y misóginas que, en la

¹ Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa do Programa de Iniciação Científica – PIC (Processo n.º 828/2021). Realizada em parceria com o Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagem – ARTEI. Instagram: @grupoartei

contemporaneidad, afectan las identidades femeninas japonesas. Para ello, se utiliza como aporte teórico y metodológico los Estudios de Cultura Visual, ya que considera que las imágenes, en sus diversas manifestaciones, presentan formas de ver y estar en el mundo. A partir de la investigación bibliográfica, se realizó la contextualización histórica, cultural y social de la llegada de inmigrantes japoneses a Brasil. Luego, se hizo un análisis de discursos, obras de arte y otras visualidades que permean los significados estereotipados construidos sobre las identidades de las mujeres amarillas, especialmente en el contexto de la pandemia del COVID-19. Finalmente, se concluye que la educación tiene el potencial de construir nuevas narrativas que rompan prejuicios y respeten las diferencias, ya que la sociedad contemporánea está compuesta por múltiples identidades que interactúan entre sí.

Palabras clave: estudios culturales; educación; inmigración; mujeres amarillas; xenofobia.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a criação da identidade nacional brasileira esteve relacionada com os processos de imigração, os quais foram responsáveis pela formação de uma sociedade plural e multicultural, afirmam Beatriz Hiromi da Silva Akutsu, Eder Fernandes Monica e Gabriel Cerqueira Leite Martire, no artigo *Dos quase brancos ao perigo amarelo: representações sociais sobre os nikkeis, a partir do processo de imigração no Brasil* (2019). A vinda das/os² imigrantes no final do século XIX e início do século XX ocorreu em um contexto de pós-abolição da escravidão e de instituição da República no Brasil. Apesar dessas mudanças, é preciso destacar que, ainda assim, predominava-se a hierarquia social, a qual considerava que os sujeitos brancos estariam acima da negritude e dos povos indígenas. Dessa forma, a política de imigração esteve ligada com a ideologia do branqueamento, a qual almejava a miscigenação da população negra e indígena com a branca, sendo que o suposto “sangue branco forte” prevaleceria sobre o sangue das/os não-brancas/os.

No que diz respeito às questões raciais, em específico da negritude, Andrey Gabriel Souza da Cruz e João Paulo Baliscei (2020), no artigo “*Não é uma fantasia, este sou eu*”: *Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education* (2019), abordam a identidade de Eric Effiong, personagem que apresenta características identitárias dissidentes, por ser um homem jovem, negro e gay. Nesse contexto, Cruz e Baliscei (2020) debatem sobre os desafios de algumas pessoas no processo de se compreenderem racialmente. De acordo com os autores, tais dificuldades guardam relações com o conceito do colorismo que, em suas palavras, presume “[...] a ideia de que quanto mais retintos os indivíduos forem, menos acessos, direitos e “privilégios” terão, contrapondo-se aos menos retintos, que obterão maiores possibilidades de acessos aos direitos por uma suposta proximidade às visualidades da branquitude.” (CRUZ; BALISCEI, p. 102, 2020)

Semelhantemente, Alessandra Devulsky (2021), no livro *Colorismo*, argumenta que o colorismo é um mecanismo racista que apresenta uma hierarquização das diferenças no corpo social, em especial no Brasil, e que propõe uma lógica a partir da qual ser homem e branco se torna almejável. Em contrapartida, quanto mais distantes desse padrão, mais excluídas as pessoas serão. Ao tratar de indivíduos, é importante buscar compreender os impactos que os contextos cultural, histórico e social possuem em relação à constituição das subjetividades. Em outras palavras, questões como raça e gênero interferem no processo de construção identitária.

Os estudos supracitados nos auxiliam no entendimento de que alguns sujeitos possuem a raça como um marcador bem delimitado em suas vidas. Diversos atos discriminatórios são

² Neste artigo, emprega-se pronomes femininos precedidos dos masculinos como forma de correção histórica, uma vez que a língua portuguesa emprega o gênero masculino ao se referir a um grupo composto por pessoas de gêneros diferentes.

apresentados a partir de discursos que trazem associações pejorativas e ofensivas que atingem grupos específicos, como as/os negras/os. Tais manifestações violentam esses corpos dissidentes de diferentes formas. A sociedade racista opera contra os corpos negros através da violência, rejeição e até da morte, seja ela política ou literal. Recentemente, por exemplo, em janeiro de 2022³, fora registrado o assassinato do congolês Moïse Kabagambe. De acordo com registros da Cáritas, organização que promove atendimentos de apoio a pessoas refugiadas, Moïse e seus irmãos saíram da República do Congo fugindo da guerra e da fome. Chegaram ao Brasil em 2011, período quando o rapaz estava com quatorze anos de idade. Logo, o congolês vivia no país há aproximadamente dez anos e falava português. Moises trabalhava servindo mesas no quiosque “Tropicália”, localizado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Segundo a família do rapaz, no dia 24 de janeiro de 2022, ele foi à empresa cobrar por duas diárias de trabalho que não lhe foram pagas. De acordo com imagens registradas pela câmera do quiosque, uma briga entre Moïse e um homem começou no local. Após, um grupo se aproximou de Moïse e o espancou violentamente, amarrando o corpo do congolês, até a sua morte. Tentaram reanimá-lo, porém, sem sucesso. O quiosque continuou atendendo clientes mesmo tendo percebido o corpo da vítima já sem vida, ainda amarrada, caída sobre uma escada. Depois do crime, milhares de pessoas protestaram contra o racismo, a xenofobia⁴, e por justiça a Moïse.

Mais recente ainda fora a manifestação de ódio e xenofobia advindas de comentários feitos pelo atual deputado do estado de São Paulo Arthur do Val (1986--), conhecido como “Mamãe Falei”. Em março de 2022⁵, em contexto de guerra⁶, o deputado foi até a Ucrânia, supostamente para enviar doações às/aos refugiadas/os. Nesse contexto, porém, enviou áudios com comentários machistas e sexistas sobre mulheres ucranianas que estavam fugindo do conflito e policiais mulheres que exerciam suas atividades profissionais na fronteira do país. Nas gravações, o deputado fala da aparência das refugiadas e das policiais, chamando-as de “deusas” e discorre sobre como as mulheres que vivem em cidades menos abastadas são “acessíveis”, “interesseiras” e “fáceis porque elas são pobres”. Tais declarações graves, desrespeitosas e que violentam questões humanitárias causaram indignação às/aos políticas/os brasileiras/os, que se pronunciaram nas redes sociais. A ex-embaixatriz da Ucrânia no Brasil, Fabiana Tronenko, gravou um vídeo em

³ RIANELLI, Erick; CARDOSO, Guilherme Rios. Justiça por Moïse: ativistas protestam em memória do congolês morto no Rio. *G1*. Rio de Janeiro, 05 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/05/justica-por-moise-ativistas-protestam-em-memoria-do-congoles-morto-no-rio.ghtml>> Acesso em de 16 fev. 2022.

SARTRIANO, Nicolás. Assistente social que viu Moïse Kabagambe crescer lamenta morte de congolês: “É muito difícil de acreditar”. *G1*. Rio de Janeiro, 01 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/01/assistente-social-que-viu-moise-kabamgabe-crescer-lamenta-morte-de-congoles-e-muito-dificil-de-acreditar.ghtml>> Acesso em 16 fev. 2022.

⁴ Segundo o Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a xenofobia diz respeito ao ódio cometido contra aquelas/es consideradas/os estrangeiras/os em relação à sociedade nacional. Ela pode ser expressa de maneira direta, com violências verbais e/ou físicas, ou de maneira sutil, com piadas, vigilância constante de estrangeiras/os em estabelecimentos e a negação de emprego devido à etnia do sujeito, desconsiderando suas experiências e capacitações profissionais.

⁵ MUNHOZ, Fábio. Áudios atribuídos a Arthur do Val dizem que ucranianas são “fáceis porque são pobres”. *CNN Brasil*. São Paulo, 04 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/audios-atribuidos-a-arthur-do-val-dizem-que-ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres/>> Acesso em 12 mar. 2022.

ARTHUR do Val: o que o deputado disse sobre as ucranianas e o que aconteceu depois; entenda. *G1*. São Paulo, 05 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/05/arthur-do-val-o-que-o-deputado-disse-sobre-ucranianas-e-o-que-aconteceu-depois-entenda.ghtml>> Acesso em 12 mar. 2022.

⁶ No dia 24 de fevereiro de 2022, o atual presidente da Rússia, Vladimir Putin (1952 --) ordenou a invasão na Ucrânia, dando início a uma guerra.

resposta às falas do parlamentar, no qual pede respeito às mulheres ucranianas, que são pessoas honradas e passam por um momento extremamente difícil. Arthur do Val, que era pré-candidato ao governo do estado de São Paulo, retirou sua candidatura e também saiu do partido Patriota, com o qual tinha ligação.

Ambos os casos indicam evidente associação entre o racismo, xenofobia e misoginia. Em diversas partes do Brasil, refugiadas/os passam por situações articuladas por essas três formas de ódio, nas quais são acusadas/os, por exemplo, de “roubar” empregos, e/ou de serem foragidas/os de seus países de origem.

Carolin Emcke, em seu livro *Contra o Ódio* (2020), afirma que a rejeição contra as diferenças é algo que existe ao longo da história da humanidade, porém, no passado, isso nem sempre fora tratado com(o) ódio. O ódio costuma ser dirigido a/ao “outra/o”, considerada/o inferior ou detentora/detentor de um poder perigoso, o qual oprime e/ou ameaça a norma. Dessa forma, justificam-se a denúncia, o desprezo e a violência contra a/o outra/o sob a argumentação de se tratar de “medidas necessárias” para a manutenção da “normalidade”. Os sujeitos que odeiam, conforme a autora, são, de modo geral, seguros e possuem certeza absoluta daquilo em que acreditam. Os alvos de ódio, por sua vez, se tornam imprecisos e indefinidos, pois a definição, por si, implica o olhar atento e a escuta minuciosa, que considera as particularidades e individualidades das pessoas. Portanto, os alvos do ódio são, na maioria das vezes, grupos abstratos e generalizados – como “as mulheres”, “as pessoas negras”, “as pessoas asiáticas” e “as pessoas não heterossexuais” – pois, caracterizá-las, identificando-as com rostos, famílias e mesmo com nomes, seria demonstrar afeto. Esse ódio é formado coletiva e ideologicamente.

[...] Os termos empregados para humilhar; as cadeias de associações e imagens que permitem conceber e classificar; os enquadramentos da percepção usados para categorizar e fazer julgamentos – tudo isso deve ser pré-formado. O ódio não brota repentinamente do nada, ele é cultivado (EMCKE, 2020, p. 18).

A autora se refere, ainda, a pessoas invisíveis, não por uma questão “mágica” de invisibilidade, mas por não serem percebidas socialmente, por não se enquadrarem em um grupo, em um “nós”. Ser invisível aos olhos da norma é, para a autora, a mais profunda forma de desprezo. Essa invisibilidade acontece quando pessoas que possuem características que fogem ao grupo dominante são ignoradas e, com isso, suas necessidades, sentimentos, direitos, histórias e identidades são apagados.

Todas as nações modernas são “híbridas culturais”, constituídas de mais de um povo, cultura e etnia. De acordo com Hall (2006, p. 62), “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo”. Assim, não é plausível unificar uma nação a partir de uma única etnia, ainda que algumas práticas sejam compartilhadas entre a maioria dos sujeitos.

Ainda segundo Hall (2006), as narrativas de uma nação conferem significado à existência dos sujeitos que partilham da comunidade. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2006, p. 51). Esses sentidos são constituídos a partir das histórias, memórias e imagens que são construídas a respeito da nação, sendo que as diferenças, nesses casos, são formadas com base no imaginário que as pessoas elaboram. Ou seja, a ideia de cultura nacional unifica as pessoas em uma identidade cultural, independentemente das diferenças de classe, gênero, raça ou outras que os sujeitos podem deter. Vale ressaltar que as práticas culturais estabelecidas a partir das identidades nacionais conferem, também, influências em outros marcadores identitários.

A isso acrescentamos que o ódio mencionado por Emcke (2020) e Hall (2006) não só oprime os corpos negros, mas também de outras raças e etnias que são fenotípica e culturalmente atravessadas pela diferença, tendo como padrão de normalidade a branquitude ocidental. Neste texto, em particular, chamamos a atenção para as pessoas asiáticas e para os significados estereotipados que são construídos em torno delas. A exemplo disso, comentamos sobre o título deste artigo. A expressão “Japonesa, abre o olho!” é comumente lançada a pessoas asiáticas e que caracteriza o racismo e xenofobia que marcam seus corpos. “Japonesa, abre o olho!” é, muitas vezes, xingada, gritada, sussurrada e mesmo escrita às mulheres e homens asiáticas/os na intenção de evidenciar sua diferença e seu não pertencimento identitário. Além dessa, outras frases exemplificam as posições que são reservadas às pessoas nipônicas, tais como, “Japonesas/es são todas/os iguais”, “Homens japoneses têm pênis pequenos”, “Mulheres japonesas são mais submissas e quietas” e outras tantas que ridicularizam e generalizam os hábitos, corpos, profissões e habilidades de pessoas asiáticas a partir de estereótipos inventados pelo ocidente.

Semelhantemente, o ex-ministro da educação do Brasil, Abraham Weintraub (1971 --) acessou outro estereótipo para oprimir pessoas asiáticas. Em 2020, ele fez uma publicação em sua conta do *Twitter* na qual insinuava que a China teria provocado a pandemia da COVID-19 propositalmente para se fortalecer geopoliticamente, conforme indicamos na Figura 1. Em sua escrita, Weintraub fez, ainda, uma sátira, ao trocar a letra “R” pela “L” - como faz o personagem Cebolinha, criado pelo artista Maurício de Sousa (1935--) - relacionando isso à fala de pessoas chinesas, que, comumente, também fazem a troca dessas letras em sua pronúncia do português. De acordo com uma notícia publicada no site da G1⁷, os Estúdios Maurício de Sousa se manifestaram afirmando que o uso dos personagens não foi autorizado, e que não concordam com as falas do ex-ministro.

⁷ MINISTRO da educação faz insinuações sobre supostos benefícios da China com o coronavírus. *G1*, 06 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/06/ministro-da-educacao-faz-insinuacoes-sobre-supostos-beneficios-da-china-com-o-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 12 mar. 2022.

Figura 1: Weintraub faz discurso racista no Twitter



Fonte: <<https://istoe.com.br/embaixada-da-china-repudia-tuite-ironico-de-weintraub-cunho-fortemente-racista/>> Acesso em 12 mar. 2022.

Diante desse contexto e dessas preocupações, neste artigo lançamos o objetivo de problematizar as violências xenofóbicas, racistas e misóginas que, na contemporaneidade, atingem as identidades femininas nipônicas. Para desempenhá-lo, estruturalmente, dividimos este texto em dois momentos para além da introdução e das considerações finais. No primeiro deles, apresentamos uma breve contextualização histórica da vinda das/os imigrantes japonesas/es ao Brasil e, posteriormente, na cidade de Maringá, relacionando suas características culturais, identitárias e sociais. No segundo, abordamos as vivências de mulheres nipo-brasileiras e os significados que são construídos em torno de suas identidades.

A vinda das/os imigrantes japonesas/es ao Brasil

A chegada das/os imigrantes japonesas/es esteve relacionada à ideologia de branqueamento. As/os japonesas/es foram consideradas/os pela elite brasileira como um povo “[...] facilmente assimilável, trabalhador, tranquilo, limpo, intelectualmente superior e, de certa forma, parecido com o europeu.” (AKUTSU, MONICA e MARTIRE, 2019, p. 6). A princípio, as/os japonesas/es eram lembradas/os pelo imaginário que se construiu das gueixas, consideradas “femininas”, “delicadas” e “obedientes”. Porém, conforme apresenta Luana Martina Magalhães Ueno em *O duplo perigo amarelo: O discurso antinipônico no Brasil (1908-1934)*, a partir de 1914, passaram-se a considerar as/os japonesas/es como uma ameaça ao domínio dos brancos, devido às conquistas expansionistas do Japão. Assim, à época, fora difundido um discurso antinipônico, nomeado pela autora como Perigo Amarelo, em referência às características fenotípicas das/os japonesa/es e suas/seus descendentes. Em suas palavras, a partir de 1914 e tendo em vista a “[...] estratégia expansionista-político-militar japonesa, o discurso antinipônico ganha um novo

elemento: o perigo amarelo. Esse perigo estava na possibilidade de que as conquistas militares [japonesas] permitissem o domínio da raça amarela sobre a raça branca.” (UENO, 2019, p. 3).

Referindo-se a esse mesmo contexto histórico, Claringa Matsuzaki Inumaru, em *Tradição e modernidade nas identidades femininas em Nihonjin e Sonhos Bloqueados* (2019), argumenta que para muitas/os brasileiras/os, o povo japonês estava cercado de incógnitas, uma vez que as informações sobre a identidade cultural do Japão eram raras no país. Uma das coisas que mais chamavam a atenção das/os brasileiras/os em relação a isso era o fenótipo de pessoas vindas do leste asiático, como japonesas/es, coreanas/os, taiwanesas/es e chinesas/os, por exemplo.

Ainda no contexto da Segunda Guerra Mundial, com a entrada do Brasil no conflito ao lado dos Aliados⁸ no ano de 1942, de acordo com Akatsu, Monica e Martire (2019), foi reproduzida uma propaganda anti-nipônica no território brasileiro, a qual apresentava as/os imigrantes japonesas/es como inimigas/os do Brasil, tratadas/os como um povo diferente, inferior cuja presença seria inaceitável. Dessa forma, devido às características fenotípicas semelhantes, e para evitar que outros grupos étnicos diferentes das/os imigrantes japonesas/es fossem confundidas/os com “agentes japonesas/es infiltradas/os”, foram criados panfletos a fim de diferenciar japonesas/es de chinesas/es. Mencionando Jeffrey Lesser (2015), Akatsu, Monica e Martire apresentam que

Um outro folheto intitulado “Como distinguir um chinês de um japonês” trazia figuras e dicas úteis: “Os chineses são racialmente menos complexos que os japoneses [...]. Os japoneses são maus, os chineses são bons; os japoneses são falsos, os chineses são sinceros; os japoneses são rudes, os chineses são amáveis (LESSER, 2015, p. 226, *apud* AKATSU, MONICA e MOURA, 2019, p. 11).

Muito tempo após o conflito, nos anos 1970, a mídia brasileira ainda apresentava as/os imigrantes japonesas/es com discriminação. De acordo com Cristina Miyuki Sato Mizumura, em *Mulheres no jornalismo nipo-brasileiro* (2011), a publicidade nacional recorreu a estereótipos de japonesas/es caricaturizadas/os, com o sotaque carregado e pronúncia ruim da língua portuguesa. Essas propagandas impulsionaram a venda de diversos produtos na época e reforçaram o imaginário do “[...] japonês sorridente, solícito e com péssimo português” (MIZUMURA, 2011, p. 66).

Diferentemente de outros povos que também habitam o continente asiático, como as/os russas/os e as/os indianas/os, aquelas/es advindas/os de países do leste asiático são fenotipicamente reconhecidas/os pelos olhos puxados, pelo tom de pele mais claro, pela textura e cor dos cabelos, dentre outras coisas. A expressão “amarela/o” utilizada, inclusive, nos títulos dos trabalhos supracitados para se referir às pessoas ou às culturas do leste asiático, segundo Thaís Yurie Ishikawa e Alessandro de Oliveira dos Santos em *Psicólogos orientais, estereótipos e relações étnico-raciais no Brasil* (2018), não é muito utilizada no cotidiano pelas/os brasileiras/os. O termo, conforme explicam a autora e o autor, guarda relação com “[...] uma classificação demográfica criada pelo IBGE a fim de obter indicadores sociais da população com base no quesito cor-raça-etnia, sendo eminentemente uma característica analítica” (ISHIKAWA, SANTOS, 2018, p. 3). A expressão “asiática/o” também não é muito utilizada no senso comum, uma vez que, no Brasil, é dada ênfase nas características fenotípicas, e existe uma diversidade em atributos físicos das/os habitantes do continente asiático, o que torna muito difícil classificar, por exemplo, indianas/os e japonesas/es em um mesmo grupo de pertencimento.

⁸ O grupo dos Aliados foi formado pelos países França, Inglaterra, Estados Unidos e URSS, os quais declararam guerra contra o Eixo, constituído pela Alemanha, Itália e Japão.

Eva Heller, em *Psicologia das cores* (2013), explica que frequentemente as/os asiáticas/os consideram o amarelo como a mais bela cor. “Cada raça se considera o coroamento, o suprassumo da criação. Os brancos idealizam o branco, para os asiáticos, o amarelo é a cor mais linda – muitos europeus costumam a acreditar” (HELLER, 2013, p. 171). A autora expõe que as vestimentas amarelas são apreciadas na Ásia, visto que valorizam o tom amarelado da pele desse grupo étnico. Na China, o amarelo é considerado uma cor relacionada à família imperial, ao Estado e à religião. Semelhantemente, na Índia, os deuses homens são representados utilizando roupas amarelas. Por outro lado, na Europa, as vestimentas amarelas não são tão apreciadas. Além disso, Heller (2013, p. 170) afirma: “Para os europeus, o amarelo também é sinônimo de Ásia. A rejeição europeia ao amarelo liga-se ainda, frequentemente, à rejeição aos estrangeiros. A sempre evocada ameaça da Ásia à Europa gerou o *slogan* político ‘o perigo amarelo’”.

Sobre a questão da imigração, Akutsu, Monica e Martire (2019) pontuam que, entre os anos de 1868 e 1962, o Japão estava na Era *Meiji*, caracterizada pela industrialização e ocidentalização; e que, apesar disso, a população rural passava por pobreza e falta de alimentos. Com isso, o governo japonês promoveu políticas de incentivo à emigração. Os Estados Unidos fecharam as portas de entrada para imigrantes japonesas/es, forçando-as/os a buscar outras alternativas para acolhimento. Somado a isso, o Brasil estava em expansão econômica e, portanto, necessitava de mão-de-obra (barata) para povoar e trabalhar nas lavouras de café. Assim, no ano de 1895, o Brasil e o Japão assinaram um tratado que regulamentou a imigração das/os japonesas/es, a fim de expandir as relações comerciais.

A vinda das/os japonesas/os para o Brasil aconteceu, oficialmente, no dia 18 de junho de 1908, com a chegada do navio *Kasatu Maru*, o qual contava com 781 tripulantes. De acordo com Lorena Bacchimam Tarabauka, em *Maringá e sua atratividade nipônica* (2013), a vinda das/os primeiras/os japonesas/os na cidade de Maringá, especificamente, data o ano de 1936, com a chegada da família de Mitsuzo Taguchi. Segundo a autora, a vinda das/os imigrantes japonesas/es ao norte do Paraná provavelmente ocorreu devido ao solo fértil, à proximidade de São Paulo e às boas condições para a aquisição de terras pela Companhia de Terras do Norte do Paraná.

No aniversário de 100 anos da chegada das/os japonesas/es no Brasil, inclusive, foi organizado, em Maringá⁹ – cidade onde residem a autora e autor deste artigo - um evento com a vinda do príncipe japonês Naruhito. Ademais, à época, houve um jantar e comemorações tradicionais na Associação Cultural e Esportiva de Maringá – ACEMA, e a inauguração de um monumento¹⁰ criado pelo arquiteto maringaense Marcos Kenji (Figura 2), o qual fora instalado no Parque do Japão. O monumento possui oito metros de altura e, a respeito dos elementos que o compõem, Marcos Zanatta apresenta que o formato circular do entorno, da base e do globo representam o sol nascente, símbolo do Japão. No globo há ainda, três anéis circulares que interligam os mapas do Brasil e do Japão¹¹.

⁹ Maringá é um município brasileiro localizado no norte do estado do Paraná. Possui aproximadamente quatrocentos e trinta mil habitantes, de acordo com dados do IBGE. É conhecida como “Cidade Verde”, devido a sua grande arborização. O município possui símbolos da imigração japonesa em diversos lugares, em espaços públicos e privados. Temos, por exemplo, os Jardins Japoneses, presentes na Universidade Estadual de Maringá – UEM, e no Parque do Ingá, além do Parque do Japão, Templos Budistas, a Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA), entre outros, representando os laços que ligam a cidade ao Japão. De acordo com informações dispostas no *site* oficial da Prefeitura de Maringá, em 2018, a colônia japonesa da cidade somava cerca de 30 mil pessoas.

¹⁰ ZANATTA, Marcos. Monumento do Parque do Japão é símbolo do IMIN 100. *Prefeitura do Município de Maringá*, 2008. Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2008/06/23/monumento-do-parque-do-japao-e-simbolo-do-imin-100/6584>> Acesso em 20 de fev. de 2022.

¹¹ O monumento foi construído de maneira que não apresentasse frente e verso, a partir do formato triangular. A parte interna no monumento é constituída de concreto bruto, a fim de simbolizar as dificuldades que os imigrantes japoneses

Figura 2: Monumento do Parque do Japão é símbolo do IMIN 100, foto de André Renato



Fonte: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2008/06/23/monumento-do-parque-do-japao-e-simbolo-do-imin-100/6584>> Acesso em 20 de fev. de 2022.

Na comemoração dos 110 anos da imigração japonesa, em 2018, Mako Komuto, na época princesa Mako de Akishino¹², veio à cidade de Maringá participar do evento nacional Expo IMIN 110, que ocorreu no Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro. A princesa agradeceu pela boa recepção que teve no Brasil, e também afirmou sentir alegria e respeito pelas/os japonesas/es que vieram ao país construir a comunidade nipo-brasileira.

Antes da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, as/os japonesas/es que viviam no Brasil, de modo geral, tinham a perspectiva de trabalhar, reunir recursos financeiros e retornar ao seu país de origem. Entretanto, segundo Inumaru (2019), os cafeicultores brasileiros que firmaram contrato com as/os imigrantes estabeleceram péssimas condições de trabalho, preços abusivos em armazéns, além de valores exorbitantes pelas passagens de vinda ao Brasil, o que inviabilizou o retorno das/os japonesas/es à sua terra natal.

A autora também apresenta que, no início da imigração, a cultura de origem nipônica se manteve mais preservada devido à concentração de comunidades fechadas no país. Essas comunidades formaram associações, as quais eram também uma forma de manter uma memória coletiva e certa manutenção à cultura originária. “A intenção destas comunidades culturais era manter viva os costumes e preservar as práticas sociais.” (INUMARU, 2019, p. 26). Com isso, criaram-se, por exemplo, escolas e jornais onde se valorizava a língua japonesa. Esse movimento se fortaleceu de forma que os agrupamentos japoneses se fecharam cada vez mais. Esse conjunto de ações e estratégias para preservar parte da cultura nipônica foi considerado uma ameaça por

passaram quando chegaram ao Brasil. Já a parte externa foi feita de granito polido, para representar o desenvolvimento dos descendentes no país.

¹² Mako, sobrinha do atual imperador japonês, Naruhito, deixou a família imperial no ano de 2021 por se casar com Kei Komuro, que foi seu colega de classe na universidade e não faz parte da realeza.

parte das autoridades brasileiras, que apresentaram, à época, um discurso nacionalista que acusava as/os imigrantes de não assimilarem a cultura do Brasil.

Durante a guerra, as rotas marítimas foram fechadas e a chegada de imigrantes no Brasil diminuiu. Nessa mesma época, nasceram as/os primeiras/os nipo-brasileiras/os “genuínas/os”, isso é, as/as primeiras/os descendentes de japonesas/os nascidas/os em territórios brasileiros, das/os quais, muitas/os, ficariam em terras brasileiras permanentemente. Grande parte das/os imigrantes japonesas/es que vieram para o Brasil nessa época também tinham como objetivo ficar definitivamente no país, já que o Japão passava por péssimas situações econômicas, elevado desemprego e se encontrava derrotado moralmente, em nível mundial, após centenas de anos vitorioso em batalhas. A isso, acrescentamos o fato de que muitas/os japonesas/es que viviam no Brasil acreditavam que o Japão seria invencível, devido ao poder divino do imperador, chegando a acusar aquelas/es que acreditavam na derrota do país na guerra de traição à pátria.

O pós-guerra no Japão foi um período de grandes dificuldades, pois apresentava uma economia desajustada e alto índice de desemprego. Após 400 anos de vitórias [...], o Japão sucumbiu frente ao poderio bélico dos Estados Unidos e, principalmente às bombas nucleares. Os vencedores da guerra encontraram um país devastado, um terço de sua população dormia ao relento e muitas pessoas acometidas por doenças como tuberculose e Beribéri. A indústria japonesa foi esfacelada e o general americano Douglas MacArthur foi o responsável por administrar o país derrotado. Preservaram a figura do Imperador por comodidade política e implantaram várias reformas em setores da educação e da economia, por exemplo. Depois de intensos trabalhos de recuperação, o país inicia um processo de expansão econômica. (INUMARU, 2019, p. 27)

Após esses processos de recuperação da economia japonesa, por volta dos anos de 1980, o governo do Japão passou a ter a imigração como uma possibilidade de suprir a demanda por mão-de-obra para os “trabalhos menores”, uma vez que o país também passava por uma redução populacional. Nesse período, o Brasil enfrentava uma crise econômica, o que levou as/os descendentes de japonesas/es a realizarem um movimento de diáspora, que ficou conhecido como *dekassegui*. Ou seja, *nikkeis* partiram do Brasil para trabalhar em fábricas no Japão. Muitas dessas pessoas levaram consigo suas/seus cônjuges, as/os quais não eram necessariamente nipo-brasileiras/os.

Com o fenômeno *dekassegui*, criaram-se comunidades de trabalhadores *nikkeis* nas regiões mais industrializadas do Japão, cujos membros são facilmente identificados como estrangeiros. Uma grande rede de serviços – agências de turismo, restaurantes, veículos de comunicação foi estruturada para atender os brasileiros e suas famílias no Japão. Assim, no mundo de mercados globalizados, há *nikkeis* no Brasil com feições japonesas e passaporte japonês, por conta da dupla cidadania, mas que não falam japonês nem conhecem seus costumes atuais. E há *nikkeis* com feições ocidentais e cidadania brasileira vivendo desde que nasceram no Japão, que mal falam português. (MIZUMURA, 2011, p. 65)

Acerca das identidades nipo-brasileiras, especificamente, Mariany Toriyama Nakamura, em *Memória e identidades nipo-brasileiras: cultura pop, tecnologias e mediações* (2013), afirma que são compostas pela mistura da identidade japonesa e a identidade brasileira, as quais, ainda têm influência de características regionais e locais. Argumenta sobre um processo de aculturação, no qual a cultura japonesa (de origem) passou por mudanças após o contato com a cultura brasileira/regional/local (cultura receptora). Com isso, é possível, em um mesmo sujeito, a identificação de práticas, costumes e rituais tanto de uma cultura quanto das outras. As gerações mais velhas apresentam

características mais próximas da raiz japonesa. As gerações mais novas, por sua vez, preservam a cultura a partir de uma “releitura das tradições e da estética japonesa” (NAKAMURA, 2013, p. 54). Em concordância, Inumaru (2019, p. 26) descreve que as/os descendentes de japonesas/es nascidas/os no Brasil possuíam fragmentos identitários múltiplos e, em suas palavras, “[...] a nova geração de nipo-brasileiros já apresentava uma assimilação cultural híbrida, frequentava escolas da comunidade brasileira e, assim, adotaram a Língua Portuguesa como língua materna.”. Assim, com o decorrer das gerações de descendentes nipo-brasileiras/os, a cultura de origem e a cultura receptora tornam-se, cada vez mais, integradas, mesclando e sobrepondo a identidade étnica japonesa e a identidade nacional brasileira.

No que diz respeito a rituais relacionados à morte, por exemplo, na casa de minha¹³ avó existe um *hotokesama*, um altar ligado a religiões xintoístas. Nesse altar, há elementos como fotografias de familiares antepassadas/os, placas com nomes de familiares falecidas/os em ideogramas japoneses e um espaço para acender incensos. Por outro lado, nesse altar também há imagens de Nossa Senhora Aparecida e de Jesus Cristo, próprias da religião cristã. Recordo-me de que, quando criança, visitava a minha *batian* e via aqueles objetos com curiosidade e medo, uma vez que não compreendia muito bem os significados acerca deles e os elementos que o compunham. Ela relatava vários rituais relacionados ao *hotokesama*, que poderiam trazer bênçãos ou má sorte. Lembro-me que ela sempre acendia incensos e colocava um copo de água ao lado, em memória às/aos nossas/os antepassadas/os. Já adulta, após o falecimento da minha *batian*, busquei mais informações sobre esse objeto, por meio de buscas pela internet e conversas com familiares. Confesso que, ainda hoje, vejo o *hotokesama* dotado de uma “aura” meio mística, e evito passar por ele à noite. Porém, cada vez mais, me sinto feliz por me conectar, de certa forma, através dele, com a minha avó. Assim, eu acabo por praticar e me inserir em parte das tradições japonesas, contudo, sem saber muito bem sobre os significados originários delas, pois eles se misturaram conforme a cultura receptora, isto é, a brasileira.

É recorrente a uma/um *nikkei* ouvir questionamentos acerca de sua origem, da descendência das/os seus/suas familiares, ou mesmo serem solicitadas/os a falarem algo em japonês, mesmo que seja nascida/o no Brasil. Dessa forma, as/os nipo-brasileiras/os podem passar por uma sensação de não-pertencimento. Gabriel Yukio Goto, em *Kazuo Sem Espaço no Entrelugar* (2021), trata sobre essa dualidade entre não se sentir pertencida/o nem como brasileira/o, nem como japonesa/japonês: “Basicamente, o conceito de Entrelugar é sobre um povo – normalmente em diáspora – que não se sente acolhido por sua terra natal nem pelo seu destino, estando em constante questionamento sobre o seu lugar de pertencimento” (GOTO, 2021, s/p). Sobre como lidar com essa realidade, o autor discorre da seguinte forma:

É uma resposta que continuo buscando. Permaneço no Entrelugar em que meu pai foi criado e em que meus avós nasceram. Me sinto sufocado muitas vezes, mas já lido melhor com a ideia de estar aqui. Se um dia eu conseguirei sair, não sei te responder, leitor. Provavelmente não, e mesmo você talvez esteja preso em algum lugar. Contudo, é importante lembrarmos que estar perdido é normal, dependendo do caso, esperado, e não nos impede de tentar. Eu tenho um nome, uma identidade e não há espaço para mim no Entrelugar, mas luto todos os dias para não me encaixar, e sim para moldar a vida que tanto busquei. (GOTO, 2021, s/p).

¹³ Neste artigo, recorre-se à primeira pessoa do singular para referir-se a experiências pessoais e autobiográficas da autora, a qual é nipo-brasileira, nasceu e reside atualmente na cidade de Maringá.

Para Goto (2021), escrever também tem sido algo terapêutico e que possibilita que tais pautas sejam mais visibilizadas. Tendo apresentado aspectos históricos que narram, sob diferentes perspectivas, a vinda das/os primeiras japonesas/os para o Brasil, e que oferecem condições para que problematizemos o (não)pertencimento das gerações decorrentes, na próxima seção desse artigo indicamos violências e conflitos mais contemporâneos que assombram a população nipo-brasileira. Posteriormente a isso, no próximo tópico, dedicamo-nos a refletir sobre as questões de gênero, debatendo sobre as identidades de mulheres nipo-brasileiras e os modos como são violentadas pelo racismo, xenofobia e misoginia.

“Japonesas são todas iguais”: violências que atingem os corpos de mulheres nipo-brasileiras

Certo dia, estava caminhando pela rua de casa e ouvi um homem, do lado de dentro do portão de uma casa, dizendo algo que não compreendi. Parei brevemente para tentar entender o que ele estava falando, quando notei que eram xingamentos e ofensas devido às minhas características fenotípicas. “Japoneses vagabundos têm que voltar pra sua terra” - ele vociferava. Como era adolescente e nunca tinha passado por uma situação de violência tão explícita como essa, fiquei muito assustada. Senti medo. Saí correndo. Só depois de muito tempo, percebi que se tratava de uma situação de ódio e que esse sentimento não dizia respeito a mim, individualmente, mas sim que era uma manifestação de rejeição das diferenças. Emcke (2020) apresenta que tais manifestações de ódio acontecem sob o pretexto de conter o diferente e manter a “normalidade”. Dessa forma, grupos minoritários, que divergem da norma dominante, são alvos de violência com maior frequência do que outros. Por vezes, o ódio aparece camuflado em convenções sociais, em outras, escancarado e apresentado com orgulho. De acordo com a autora, o ódio é uma construção, sendo “formado coletiva e ideologicamente.” (EMCKE, 2020, p. 18). Sobre isso, aquelas/es que são expostos ao ódio tendem a se calarem e perderem a confiança. Porém, Emcke defende que não devemos nos habituar com tais violências.

No que diz respeito especificamente ao ódio contra pessoas amarelas, de acordo com Miwa Kashiwagi¹⁴ (2021), criadora de conteúdo digital e graduanda em Relações Internacionais na Fundação Getúlio Vargas, no Brasil, faltam dados e pesquisas que tratam do “sentimento anti-asiático”. Ela argumenta que temos uma mídia que retrata os países asiáticos de maneira sensacionalista, exemplificando com o caso que apresentamos na epígrafe, envolvendo o ex-ministro da Educação. Para além desse episódio de xenofobia contra pessoas amarelas, mencionamos os posicionamentos do atual presidente da república do Brasil, que em maio do primeiro ano de seu mandato 2019¹⁵, quando estava de passagem pelo aeroporto internacional de Manaus, encontrou um homem asiático que o cumprimentou dizendo “Brasil gostoso”. Após isso, o presidente se afastou do homem, levantou os braços e disse “opa, opa”. Em seguida, o presidente fez um gesto estratégico com as mãos e dedos indicando “tamanho reduzido e perguntou: “tudo pequenininho, ai?”, fazendo referência e deboche às genitálias de homens asiáticos, reforçando estereótipos em relação aos corpos amarelos. Além disso, o mesmo presidente já afirmou, em uma

¹⁴ KASHIWAGI, Miwa. #StopAsianHate - esse foi difícil de gravar. [s./l.], 18 mar. 2021. Instagram: @miwakashiwagi. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CMk1I xvDuqf/>> Acesso em 7 abr. 2021.

¹⁵ VÍDEO: “Tudo pequenininho ai?”, diz Bolsonaro para oriental em aeroporto. *ISTOÉ*, 16 de mai. de 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/video-tudo-pequeninho-ai-diz-bolsonaro-para-oriental-em-aeroporto/>> Acesso em 12 mar. 2022.

palestra¹⁶ no Clube Hebraica no ano de 2017, que as/os japonesas/es não pedem esmola porque são uma raça que “tem vergonha na cara”, reforçando o estereótipo que liga as/os asiáticos a uma referência a ser seguida.

A isso relacionamos o conceito abordado por Caynã de Camargo Santos e Cláudia Rosa Acevedo, no artigo *A Minoria Modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil* (2013). Minoria modelo é, conforme apontam, um estereótipo que considera que “[...] a comunidade asiática seria especialmente trabalhadora, séria, ética, detentora de conhecimentos acima da média nos campos da matemática e tecnologia e, em geral, intelectualmente talentosa.” (SANTOS; ACEVEDO, 2013, p. 286). Aparentemente inofensivo, o mito da minoria modelo, além de desconsiderar a individualidade de sujeitos asiáticos e descendentes, atribuindo-os em uma imagem idealizada unificada e pressionando-os a se encaixarem nesses padrões. Além disso, de acordo com Tamilyn Tiemi Massuda Ishida e Eduardo Cardoso Braga em *Fetichização da mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais: o papel do design em sua conscientização e resistência* (2019), esses estereótipos reforçam a opressão contra outras minorias, ao declarar que outros grupos minoritários podem alcançar o sucesso se “trabalharem duro”.

De acordo com a organização *Stop APPI Hate*, entre março e dezembro de 2020, foram registrados, nos Estados Unidos, 126 incidentes contra estadunidenses-asiáticas/os com mais de 60 anos de idade, levando a uma mobilização contra essa intolerância, demarcada por *hashtags* como “#stopasianhate”¹⁷. Dentre esses casos, temos que, no dia 16 de março do ano de 2021, aconteceu um atentado em Atlanta, nos Estados Unidos. Nesta ocasião, um homem branco foi a alguns estabelecimentos de casas de massagens, nos quais as/os donas/os e empregadas/os, eram, em sua maioria, asiáticas/os e atirou contra elas/es. Neste atentado, foram mortas seis mulheres asiáticas, e uma mulher e um homem caucasiano. De acordo com *sites* de notícias, o assassino disse que os estabelecimentos representavam uma tentação sexual para ele¹⁸.

Relacionamos esses dados ao contexto contemporâneo da pandemia da Covid-19¹⁹. Com o advento da pandemia, o sentimento “anti-asiático” foi intensificado e revelado: diversas situações de insultos e segregação de pessoas com ascendência leste-asiática ocorreram no Brasil e no mundo atribuindo-lhes certa “culpa” e “responsabilidade” pela disseminação do vírus. Em casos mais extremos, alegaram que o vírus fora intencionalmente criado e propagado pelas/os chinesas/es, com a intenção de reduzir a população mundial, como uma espécie de arma biológica - o que posteriormente foi desmentido por pesquisas científicas. O sentimento “anti-asiático” se faz

¹⁶ VEJA a POLÊMICA Palestra de Jair BOLSONARO na Hebraica do Rio de Janeiro (03/04/2017). 10 abr. 2017. 1 vídeo (62:03 min). Publicado pelo canal CANAL do Alonso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jKQdD5iUmDo>> Acesso em 7 abr. 2021.

¹⁷ CHEN, Jennifer. What is the #StopAsianHate Movement and How to Support It. *Oprah Magazine*, 2021. Disponível em: <<https://www.oprahmag.com/life/a35604044/what-is-stop-asian-hate-movement-join/>> Acesso em 24 fev. 2021.

¹⁸ SALDANHA, Núria. Ataques a asiáticos nos Estados Unidos aumentaram 150% durante a pandemia. *CNN*. Washington, 19 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/03/19/ataques-a-asiaticos-nos-estados-unidos-aumentaram-150-durante-a-pandemia>> Acesso em 7 abr. 2021.

¹⁹A Pandemia da COVID-19 foi ocasionada pela transmissão de um novo vírus (SARS-CoV-2) da família do coronavírus. Teve seu primeiro registro em seres humanos na cidade de Wuhan, na China, no ano de 2019. A COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus, e seus casos podem variar de assintomáticos, poucos sintomas a sintomas graves. Os sintomas possíveis da COVID-19 são: tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, distúrbios gastrointestinais, cansaço, diminuição do apetite e dispneia. O vírus é transmitido de uma pessoa a outra por gotículas de saliva, espirro, tosse ou catarro contaminados. Para prevenir a doença, recomenda-se manter o distanciamento social, manter ambientes arejados, higienizar as mãos frequentemente e usar máscaras, entre outros cuidados.

evidente quando nos debruçamos sobre manchetes de notícias tais como, *Pandemia de coronavírus gera surto de racismo contra asiáticos* (PORTAL R7, 15/03/2020)²⁰; *Coronavírus: Condomínio em SP tentou segregar chineses como “medida de prevenção”* (G1, 05/02/2020)²¹; e *Estudante chamada de “chinesa porca” identifica idosa: “Tomei medidas judiciais”* (MARIE CLAIRE, 04/02/2020)²². Diante dos ataques exemplificados nessas manchetes, foram criadas campanhas nas redes sociais, com o uso das *hashtags*²³ “#iamnotavirus”, ou “#eunãosoumvirus”²⁴, a partir das quais, principalmente leste-asiáticas/os e descendentes de asiáticas/os que vivem em outras localidades lutaram pelo fim do ódio contra pessoas amarelas. Esses casos contemporâneos expõem a necessidade de discutirmos a respeito da (in)tolerância com a diversidade de identidades étnico-raciais, e a relevância da representatividade asiática para a quebra desses estereótipos.

Para além da problemática do aumento de ataques contra asiáticos/as no contexto da pandemia do coronavírus, esse crime traz à tona outra questão em relação aos corpos femininos amarelos: a sexualização e fetichização. De acordo com dados do *site PornHub*, plataforma de vídeos de conteúdos sexuais, no ano de 2019²⁵, o termo mais buscado foi *japanese*, ou japonesa/japonês” (tradução livre), e entre os sete primeiros termos mais buscados, também estão *korean*, ou “coreana/coreano” e *asian*, ou “asiática/asiático”. A nível de nos aprofundarmos nessa discussão, abaixo reunimos duas obras artísticas que representam a nudez de mulheres asiáticas (Figura 3 e Figura 4).

²⁰ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/pandemia-de-coronavirus-gera-surto-de-racismo-contra-asiaticos-15032020>>. Acesso em 26 fev. 2021.

²¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/02/05/coronavirus-condominio-em-sp-tentou-segregar-chineses-como-medida-de-prevencao.ghtml>>. Acesso em 26 jan. 2021.

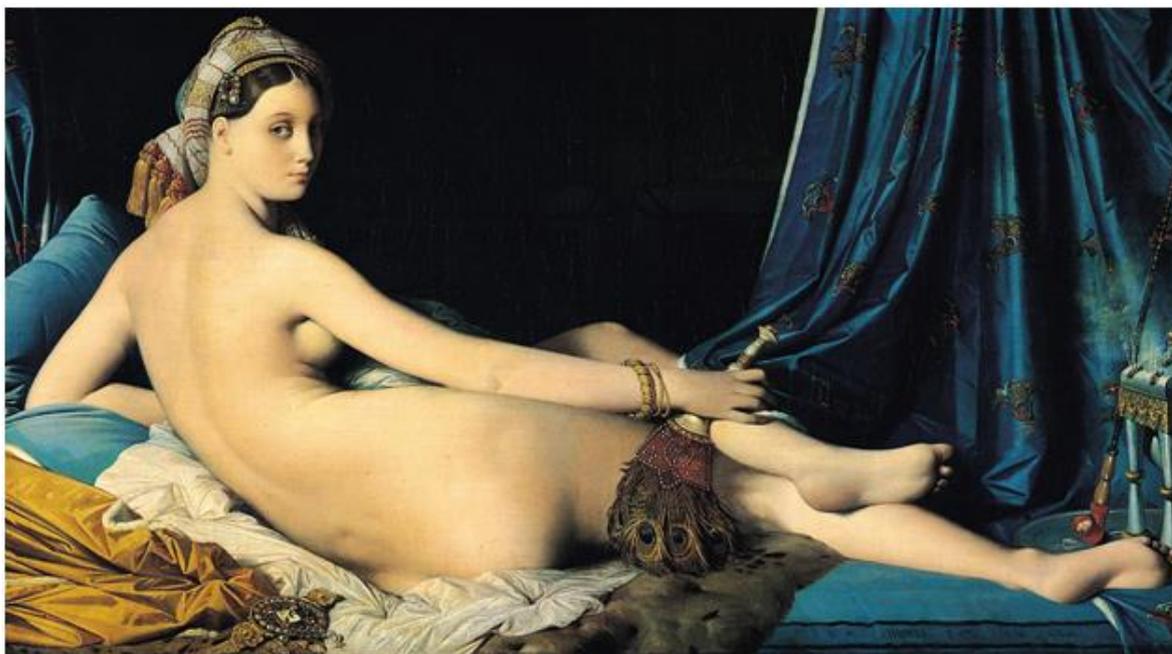
²² Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/02/estudante-chamada-de-chinesa-porca-identifica-idosa-tomei-medidas-judiciais.html>>. Acesso em 26 jan. 2021.

²³ De acordo com Soraya Ayumi Tory e Autor (2021) que investigam as manifestações em redes sociais em um viés de gênero, as *hashtags* normalmente são utilizadas antes de palavras-chave para indicar tópicos e/ou acervos, de forma que auxiliam na pesquisa sobre temas específicos no meio digital.

²⁴ SAYURI, Juliana. #Eunãosoumvirus: epidemia do covid-19 faz disparar casos de racismo contra asiáticos. *TAB UOL*, Toyohashi, 12 de fev. de 2020: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/12/eunaosoumvirus-ameaca-de-pandemia-dispara-racismo-contra-amarelos.htm>> Acesso em 26 jan. 2021.

²⁵ *THE 2019 Year in Review - PornHub Insights*. *PornHub*, 2019. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>> Acesso em 7 abr. 2021.

Figura 3: A Grande Odalisca, de Jean-Auguste Dominique Ingres (1814)



Fonte: <<https://artrianon.com/2016/10/18/obra-de-arte-da-semana-a-grande-odalisca-de-ingres/>>. Acesso em 7 abr. 2021.

Figura 4: Transição, de Gabriela Narumi Inoue (2019)



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CAWeompJY2J/>>. Acesso em 7 abr. 2021.

A primeira representação, sob a perspectiva do francês Jean-Auguste Dominique Ingres (1780-1867), um homem branco e europeu, refere-se às odaliscas, termo que, segundo Marcia Dib no artigo *Mulheres árabes como odaliscas: Uma imagem construída pelo orientalismo através da pintura* (2011), alude à criada da casa ou criada do quarto. Ainda de acordo com a autora, as odaliscas eram mulheres árabes escravas levadas ao palácio muito novas, onde recebiam treinamentos em diversas habilidades, como tecelagem, bordado, poesia, música, dança, leitura do Alcorão e modos. Caso se destacassem, poderiam se tornar concubinas, um patamar acima na hierarquia do harém. Logo, não

eram mulheres passivas, à espera de alguém. Além disso, os haréns eram espaços privados, reservado à família. Ingres fez uma representação equivocada da odalisca: desconsiderou-se o real e a representou a partir do (seu) imaginário ocidental, mostrando uma realidade distorcida. Representou os elementos com detalhes, uma vez que a esses, sim, poderia ter acesso, como podemos notar nos objetos que compõem a pintura: o leque, incensário, turbante, cortinas e almofadas. Diferente da fidedignidade deles, a mulher, nua, deitada sobre o divã, possui o rosto com traços de mulheres europeias. Sua pose passiva também não coincide com a vida das odaliscas. Além disso, possui o corpo deformado para alcançar o “belo” segundo lógicas do contexto francês, e expressar sensualidade pelas curvas.

A segunda produção, feita por Gabriela Narumi Inoue (1999--), uma mulher japonesa que vive no Brasil e representa a si mesma com suas subjetividades. Neste caso, o corpo sem roupas não é fetichizado e é representado pelas cores vermelho e azul, dualidade que marca oposições num mesmo corpo. A artista utiliza da fotografia para capturar momentos de “luz e sombra”, a fim de representar a transição²⁶, que, segundo ela, representa suas experiências do ano de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento apresentado neste artigo indica a necessidade de repensar as referências e histórias que são contadas e compartilhadas acerca de pessoas que destoam da norma ocidental, chamando atenção para aquelas que representam mulheres amarelas. Como alternativa a essa problemática, pensamos que a educação escolar e mesmo aquela realizada em espaços não escolares - como as mídias e as políticas públicas (que são, ambas, educativas) – podem atuar na transformação daquilo que hoje parece ser generalizado às mulheres nipônicas.

Sobre a diversidade étnica e cultural atrelada aos espaços, currículos e práticas escolares, podemos acrescentar a essa discussão o documentário *Escolarizando o Mundo* (2010). Nele, questiona-se o processo de escolarização mundial que almeja que todas as crianças estejam na escola, de forma a romper com os valores tradicionais que não seguem o padrão hegemônico ocidental, em um movimento de monocultura humana – o qual visa que as pessoas sejam exatamente iguais umas às outras, diminuindo, se não exterminando com a diversidade cultural.

Assim, concordamos com Vera Maria Ferrão Candau, quando, em *Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas* (2011), afirma que a educação escolar nas nações latino-americanas difundiu uma cultura de base eurocêntrica, com a intenção de promover a igualdade. Contudo, esse modelo de educação acaba por tentar homogeneizar as crianças, apagando-lhes as diferenças, em práticas que enfatizam a uniformização das identidades. A autora expõe que, no continente latino-americano, possuímos diferenças culturais diversas, como as étnicas e de gênero. Para ela, essas diferenças são construtivas, e estão na essência do que se constitui a escola. A autora assinala a importância de considerar a diversidade cultural nos espaços de ensino e sublinha que “Ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas” (CANDAU, p. 242, 2011).

No contexto da educação e formação de professoras/es é importante nos questionarmos sobre as referências que apresentamos às/aos estudantes, pois, tradicionalmente, costumam ser

²⁶ Conforme informações na página pessoal da artista: “Um corpo em transição, entre a luz e a sombra, o vermelho e o azul, o desejo e a culpa, o prazer e a dor, a afirmação e a negação do movimento, da mudança e da transformação. O eu que quer ir e o eu que quer ficar entram em conflito e transitam, hesitando”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CAWeompJY2J/>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

contempladas imagens, histórias e produções artísticas que valorizam, em sua maioria, homens, europeus e brancos, sendo apresentados, muitas vezes, como heróis ou modelos a serem seguidos. Desconsideram-se assim, que também existam heroínas e heróis negras/os, amarelas/os e indígenas, como, por exemplo, Marielle Franco²⁷ (1979-2018), Kishida Toshiko²⁸ (1863-1901) e Arissana Pataxó²⁹ (1983--), respectivamente. Como pesquisadora e pesquisador das áreas da Educação, Artes Visuais e Estudos Culturais, pensamos que podemos encontrá-las, ler sobre elas e contemplá-las em intervenções pedagógicas com o ensino de Arte. Como artistas, podemos, ainda, buscar e conhecer outras referências de narrativas que contam as nossas histórias e as histórias daqueles/as que estão ao nosso lado, recorrendo a técnicas, estéticas, padrões de representação e estilos que não necessariamente os europeus e estadunidenses.

É relevante, portanto, no âmbito da educação, apresentar às crianças e adolescentes, referências que contem outras histórias; que participem ou que tenham participado da construção do nosso país e cultura; que ofereçam outras visões de mundo e que ampliem o repertório das/os alunas/os para além do óbvio no que diz respeito às identidades étnico-raciais e às questões de gênero. Isso também contribui para que os sujeitos envolvidos na educação escolar tenham maior empatia com as diferenças.

Dessa forma, é importante trabalhar na prática educativa com múltiplas narrativas, como conhecimentos centrados em outras histórias que não sejam a do homem europeu, branco, cristão e heterossexual, uma vez que tais camadas identitárias, apesar de hegemônicas, não dão conta de representar as diferenças dos sujeitos em sua multiplicidade cultural. Pensar como determinadas ideias foram, com o passar do tempo, naturalizadas e, assim, problematizá-las; Refletir sobre as relações de poder intrínsecas na produção e circulação de imagens e sobre a importância da representatividade; e perguntar quanto a (não) representação visual dos sujeitos são, todas essas, ações que podem atravessar as práticas de ensino nas escolas. Em conformidade com a *Base Nacional Comum Curricular*³⁰ - BNCC (BRASIL, 2018, p.14) e com seu compromisso com a educação que acolhe, reconhece e desenvolve plenamente as diferenças e individualidades dos sujeitos, “[...] a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.”

²⁷ Marielle Francisco da Silva nasceu no Rio de Janeiro, e se denominava como mãe, negra e favelada. Também foi socióloga e eleita vereadora no ano de 2017 pelo Partido Socialismo e Sociedade (PSOL). Reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho na formulação de projetos de leis e pautas em defesa aos direitos humanos, com ênfase nas questões de mulheres pretas, pessoas LGBTQIA+ e moradores/as das favelas. Foi assassinada, junto ao seu motorista, Anderson Pedro Gomes (1978-2018), no dia 14 de março de 2018. Até o primeiro trimestre do ano de 2021, o crime permanece sem a resposta de quem mandou matá-los. Marielle é lembrada por sua luta e trajetória de vida e seu legado permanece vivo - #MariellePresente!

²⁸ Kishida Toshiko é de Kyoto, Japão. Foi considerada uma das primeiras feministas japonesas, e lutou na defesa pela igualdade de gênero, inclusão e independência das mulheres no Japão. Foi presa por discursar em favor do direito das mulheres, sob a alegação de fazer uma manifestação política sem autorização. Em uma de suas falas, afirmou que a única “caixa” apropriada para as mulheres deveria ser “tão grande e livre quanto o próprio mundo.”

²⁹ Arissana Pataxó é uma artista indígena brasileira nascida em Porto Seguro, na Bahia. Graduada, mestre e doutoranda em Artes Plásticas, pertence ao povo Pataxó e luta pela garantia do território e fortalecimento da cultura indígena por meio da educação e da arte. Arissana utiliza suas vivências como inspiração para suas produções artísticas e ressalta a importância da valorização do trabalho e conhecimento das/os suas/seus ancestrais.

³⁰ A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) é um documento normativo nacional que define as aprendizagens essenciais a todas/os alunas/os brasileiras/os no contexto da Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- A xenofobia no Brasil e no mundo. *Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais*, 2020. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2020/06/29/a-xenofobia-no-brasil-e-no-mundo/>> Acesso em 12 fev. 2022.
- AKUTSU, Beatriz Hiromi da Silva; MONICA, Eder Fernandes; MARTIRE, Gabriel Cerqueira Leite. Dos quase brancos ao Perigo Amarelo: representações sociais sobre os nikkeis, a partir do processo de imigração no Brasil. *Revista Controversia*. Ourense, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.revistacontroversia.es/articulo.php?id_articulo=17&id_revista=1> Acesso em 23 fev. 2022.
- ARISSANA Pataxó. *Prêmio Pipa*, 2016. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>> Acesso em 10 mar. 2022.
- ARTHUR do Val: o que o deputado disse sobre as ucranianas e o que aconteceu depois; entenda. *G1*. São Paulo, 05 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/05/arthur-do-val-o-que-o-deputado-disse-sobre-ucranianas-e-o-que-aconteceu-depois-entenda.ghtml>> Acesso em 12 mar. 2022.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. *Currículo sem fronteiras*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. v. 11, 2011, p. 240-255.
- CHEN, Jennifer. What is the #StopAsianHate Movement and How to Support It. *Oprah Magazine*, 2021. Disponível em: <<https://www.oprahmag.com/life/a35604044/what-is-stop-asian-hate-movement-join/>> Acesso em 24 fev. 2021.
- CARVALHO, Felipe. Estudante chamada de “chinesa porca” identifica idosa: “Tomei medidas judiciais”. *Marie Claire*, [s.l.], 04 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://revistamarielaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/02/estudante-chamada-de-chinesa-porca-identifica-idosa-tomei-medidas-judiciais.html>>. Acesso em 26 jan. 2021.
- CORONAVÍRUS: Condomínio em SP tentou segregar chineses como medida de prevenção. *BBC*, [s.l.], 5 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/02/05/coronavirus-condominio-em-sp-tentou-segregar-chineses-como-medida-de-prevencao.ghtml>>. Acesso em 26 jan. 2021.
- CRUZ, Andrey Gabriel Souza da; BALISCEI, João Paulo. “Não é fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). *Revista Crítica Histórica*, [s.l.], v. 11, n. 22, p. 100-130, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11233>> Acesso em: 01 mar. 2022.
- DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo*. Editora Jandaia, 2021.
- DIB, Márcia. Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo Orientalismo através da pintura. *Revista UFG*, n.11, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/11_artigos_mulheres.pdf> Acesso em 7 abr. 2021.
- EM visita ao Paraná, princesa japonesa participa da festa dos 110 anos da imigração. *Bem Paraná*, [s.l.], 20 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/em-visita-ao-parana-princesa-japonesa-participa-da-festa-dos-110-anos-da-imigracao#.YhZzZujMKUL>> Acesso em 20 fev. 2022.

- EMCKE, Carolin. *Contra o ódio*. 1. ed. Tradução de Maurício Liesen. Editora Âyiné, 2020.
- ESCOLARIZANDO o Mundo. Direção: Carol Black. Produção: Jim Hurst; Neal Marlens; Mark Grossan. Estados Unidos da América/Índia: 2011.
- EXPOSIÇÃO destaca Maringá na celebração dos 110 anos da imigração japonesa. *Prefeitura do Município de Maringá*, 13 de jul. de 2018. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CAWeompJY2J](http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=a4b4d7ce9c55a4&id=33336#:~:text=%E2%80%B2Imin%E2%80%B2%20significa%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20em%20japon%C3%AAs,grande%20receber%20o%20Imin%20110.> Acesso em 25 fev. 2021.</p><p>GOTO, Gabriel Yukio. <i>Kazuo sem espaço no entrelugar</i>. Americana, 2021.</p><p>HALL, Stuart. <i>A identidade cultural da pós-modernidade</i>. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.</p><p>HELLER, Eva. <i>Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão</i>. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.</p><p>INOUE, Gabriela Narumi. <i>Transição</i>. Maringá, 18 de mai. de 2020. Instagram: @narumiartes. Disponível em: < Acesso em 12 mar. 2022.
- INUMARU, Clarinda Matsuzaki. *Tradição e modernidade nas identidades femininas em Nibonjin e Sonhos Bloqueados*. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.
- ISHIDA, Tamilyn Tiemi Massuda; BRAGA, Eduardo Cardoso. Fetichização da mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais: o papel do design em sua conscientização e resistência. *Iniciação- Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 53-68, jun/2019.
- ISHIKAWA, Thaís Yurie; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Psicólogos orientais, estereótipos e relações étnico-raciais no Brasil. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del-Rei, v. 13, n. 2, p. 1-14, ago/2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200014&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 01 mar. 2022.
- KASHIWAGI, Miwa. #StopAsianHate - esse foi difícil de gravar. [s./l.], 18 mar. 2021. Instagram: @miwakashiwagi. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CMk1IxxDuqf/>> Acesso em 7 abr. 2021.
- MINISTRO da educação faz insinuações sobre supostos benefícios da China com o coronavírus. *G1*, 06 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/06/ministro-da-educacao-faz-insinuacoes-sobre-supostos-beneficios-da-china-com-o-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 12 mar. 2022.
- MIZUMURA, Cristina Miyuki Sato. *Mulheres no jornalismo nipo-brasileiro: discursos, identidade e trajetórias de vida de jornalistas*. 243 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MUNHOZ, Fábio. Áudios atribuídos a Arthur do Val dizem que ucranianas são “fáceis porque são pobres”. *CNN Brasil*. São Paulo, 04 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/audios-atribuidos-a-arthur-do-val-dizem-que-ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres/>> Acesso em 12 mar. 2022.
- NAKAMURA, Mariany Toriyama. *Memória e identidades nipo-brasileiras: Cultura pop, tecnologias e mediações*. 98 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação). Escola de Comunicação e Artes: São Paulo, 2013.

ORLANDO, Giovanna. Pandemia de coronavírus gera surto de racismo contra asiáticos. R7, [s.l.], 15 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/pandemia-de-coronavirus-gera-surto-de-racismo-contra-asiaticos-15032020>>. Acesso em 26 fev. 2021.

POR QUE motivos a Rússia invadiu a Ucrânia: resumo. *BBC News*, 4 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340#:~:text=Entre%20as%20principais%20raz%C3%B5es%20apontadas,de%20influ%C3%Aancia%20da%20Uni%C3%A3o%20Sovi%C3%A9tica.>> Acesso em 12 mar. 2022.

REESE, Carolyn Johnson. Meiji Reforms - Kishida Toshiko, (1863-1901) - Japan - PrimarySource. *Women in World History Curriculum*. Disponível em: <<http://www.womeninworldhistory.com/WR-04.html>> Acesso em 6 abr. 2021.

RIANELLI, Erick; CARDOSO, Guilherme Rios. Justiça por Moise: ativistas protestam em memória do congolês morto no Rio. *G1*, Rio de Janeiro, 05 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/05/justica-por-moise-ativistas-protestam-em-memoria-do-congoles-morto-no-rio.ghtml>> Acesso em de 16 fev. 2022.

SANTOS, Caynã de Camargo; ACEVEDO, Claudia Rosa. A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 13, n. 27, p. 281-300, ago/2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 mai. 2021.

SARTRIANO, Nicolás. Assistente social que viu Moïse Kabagambe crescer lamenta morte de congolês: “É muito difícil de acreditar”. *G1*, Rio de Janeiro, 01 de fev. de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/01/assistente-social-que-viu-moise-kabamgabe-crescer-lamenta-morte-de-congoles-e-muito-dificil-de-acreditar.ghtml>> Acesso em 16 fev. 2022.

SALDANHA, Núria. Ataques a asiáticos nos Estados Unidos aumentaram 150% durante a pandemia. *CNN*. Washington, 19 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/03/19/ataques-a-asiaticos-nos-estados-unidos-aumentaram-150-durante-a-pandemia>> Acesso em 7 abr. 2021.

SAYURI, Juliana. #Eunãosoumvírus: epidemia do covid-19 faz disparar casos de racismo contra asiáticos. *TAB UOL*, Toyohashi, 12 de fev. de 2020: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/12/eunaosoumvirus-ameaca-de-pandemia-dispara-racismo-contra-amarelos.htm>> Acesso em 26 jan. 2021.

SOBRE a doença. *Ministério da Saúde*. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>> Acesso em 7 abr. 2021.

TARABAUKA, Lorena Bacchimam. *Maringá e sua atratividade nipônica*. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

THE 2019 Year in Review - Pornhub Insights. *PornHub*, 2019. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>> Acesso em 7 abr. 2021.

TORY, Soraya Ayumi; AUTOR. #IdeologiaDeGênero: origens eclesiásticas e novas elaborações digitais. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 14, n. 43, p. 189-204, jan/jun 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>> Acesso em 25 fev. 2021.

UENO, Luana Martina Magalhães. *O duplo perigo amarelo: O discurso antinipônico no Brasil (1908 – 1934)*. Estudos Japoneses, [S. l.], n. 41, p. 101-105, jun/2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/170435>. Acesso em: 1 mar. 2022.

VEJA a POLÊMICA Palestra de Jair BOLSONARO na Hebraica do Rio de Janeiro (03/04/2017). 10 abr. 2017. 1 vídeo (62:03 min). Publicado pelo canal CANAL do Alonso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jKQdD5iUmDo>> Acesso em 7 abr. 2021.

VÍDEO: “Tudo pequenininho aí?”, diz Bolsonaro para oriental em aeroporto. *ISTOÉ*, [s.l.], 16 de mai. de 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/video-tudo-pequeninho-ai-diz-bolsonaro-para-oriental-em-aeroporto/>> Acesso em 12 mar. 2022.

YUMI, Caroline. Quem foi Marielle Franco? Conheça a sua história. *Politize!*, [s.l.], 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>> Acesso em 6 abr. 2021.

ZANATTA, Marcos. Monumento do Parque do Japão é símbolo do IMIN 100. *Prefeitura do Município de Maringá*, 23 de jun. de 2008. Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2008/06/23/monumento-do-parque-do-japao-e-simbolo-do-imin-100/6584>> Acesso em 20 fev. 2022.

Submetido em março de 2022

Aprovado em abril de 2022

Informações do(a) autor(a)(es)

Julia Tiemi Kurihara
Universidade Estadual de Maringá
E-mail: ra99168@uem.br
ORCID: 0000-0002-2123-889X
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9116958700778961>

João Paulo Baliscei
Universidade Estadual de Maringá
e-mail: jpbaliscei@uem.br
ORCID: 0000-0001-8752-244X
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6980650407208999>